

A memória da cidade através das fotografias impressas no *Almanaque de Pelotas*

Janaina Schvambach

Como acadêmica e professora gostaria de relatar através desta proposta sobre Educação Patrimonial minha experiência empírica na área da pesquisa científica, entre meu objeto de análise e minhas percepções pessoais, e quem sabe assim, poder contribuir para uma aproximação da população em geral com as questões referentes à Memória e ao Patrimônio.

O meu percurso começou como estudante do curso de Licenciatura em Artes Visuais, pela Universidade Federal de Pelotas e após conclusão da graduação, ingressei no Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural/ICH/UFPEL ao qual é provedor desta possibilidade de diálogo entre nós acadêmicos e o público constituente deste evento. No mestrado venho desenvolvendo na linha de Memória e Identidade a pesquisa sobre as relações entre a fotografia e a cidade, mais especificamente, sobre as representações fotográficas impressas da cidade nos periódicos: *Jornal A Alvorada* e *Almanaque de Pelotas*.

As imagens contidas nestes periódicos podem sugerir inúmeras leituras, formando um conjunto de registros que se oferecem para a interpretação de uma memória visual. Nesta perspectiva, o poder de comunicação do meio impresso passa a ser potencializado através da capacidade da fotografia de registrar acontecimentos, destarte, como um instrumento eficaz de representação visual e de suposta objetividade realista.

A proposta de analisar as fotografias impressas nos periódicos, *Almanaque de Pelotas* e *jornal A Alvorada*, sugere através da condição paradoxal da fotografia no contexto das publicações, a possibilidade de conflitos e divergências nas estratégias de dominação do poder na construção do conhecimento, como também, na perpetuação de valores e identidades. Para que esta reflexão não ficasse extensa, procurei constituir o presente trabalho com apenas um de meus objetos de



análise, ou seja, as imagens impressas do *Almanaque de Pelotas* durante o período de 1931 a 1935 e suas relações com a cidade.

Breve contexto sobre a fotografia

A sociedade Moderna devido as suas grandes transformações sociais levou o homem a produzir excessivamente bens de consumo, gerando um processo de produção frio e mecanizado. A sociedade burguesa chega ao poder promovendo o lucro e a expansão do mercado e as novas invenções indicam novas percepções em relação ao espaço – tempo. Entre elas, o trem a vapor desperta uma nova maneira de percepção temporal e visual através da velocidade, e a fotografia surge como uma nova linguagem visual capaz de registrar aparentemente a realidade através do meio mecânico (câmara escura), onde a produção de imagens acompanha o desenvolvimento da indústria incipiente e das novas descobertas tecnológicas. Os historiadores da arte, *H. W. Janson e Antony F. Janson* (1996, p. 425), em breve capítulo sobre a fotografia explicam que, “[...] o fato de essa nova técnica ter um aspecto mecânico era particularmente apropriado. Era como se a revolução industrial, tendo alterado para sempre o modo de vida do homem, tivesse agora que inventar seu próprio método de registrar-se a si própria”.

Para o sociólogo Walter Benjamin (1985, p. 168) - em seu notável texto da década de 30 - a reprodutibilidade da fotografia facilitada por meio das máquinas, popularizou e massificou as imagens, trazendo para o espectador uma reprodução atualizada do objeto reproduzido, portanto, a democratização das imagens, antes privilégios de poucos devido ao alto custo para a sua realização, torna-se agora de fácil acesso. Com o advento das imagens técnicas e principalmente após a descoberta da fotografia, os parâmetros de julgamento e percepção dos produtos culturais sofreram modificações, o original torna-se múltiplo e a produção ganha caráter seriado, por conseqüência, um maior acesso da população ao consumo de imagens.

Os usos da fotografia ao longo do tempo foram adquirindo várias especificidades, uma das principais funções no séc. XIX foi a de documentar o espaço urbano e os vários tipos humanos. A fotografia possibilitou a apreensão destes momentos capturando as novas transformações sociais que atingiram as cidades em sua organização espacial e que provocaram diversas alterações urbanas. Conforme a autora Zita Rosane Possamai em seu artigo, *Fotografia e Cidade*:



A penetração da tecnologia em várias esferas da vida das pessoas passava a modelar também sua percepção do mundo. A cidade apresentava-se fugidia ao transeunte apressado ou que a observava dos automóveis e trens em velocidade. A fotografia, então, foi acolhida como necessária num espaço urbano no qual as máquinas e procedimentos mecânicos ditavam o ritmo e onde velocidade e mobilidade solapavam os quadros tradicionais de referência. (2008, p. 68)

Deste modo, a imagem fotográfica proporcionava a possibilidade do registro - com perfeição de detalhes e rapidez - de cenas que se desejavam guardar, ocasiões sociais para recordar, como documento ou mesmo objeto memorial. Nesta perspectiva, a fotografia coexistiu com informações escritas em tais impressos, constituiu-se como um instrumento capaz de guardar a imagem da cidade e de fazer ver a cidade através da representação visual. A imagem fotográfica remete sempre ao seu referente¹, destarte, ela atesta que em determinado momento diante da objetiva o objeto fotografado realmente esteve presente, portanto, ela fornece um possível relato do que aconteceu a partir de uma dada realidade. O ato de fotografar implica necessariamente numa escolha do fotógrafo - seja no enquadramento, seja na composição da imagem - e em suas influências culturais. Estas características “permitem considerar a fotografia não como duplicação do real, mas como transformação do real, produzida pelo ato fotográfico” (POSSAMAI, 2008, p. 71). Conseqüentemente a mensagem da imagem fotográfica dependerá do meio onde estiver vinculada, como também, de quem está recebendo a sua informação. Para o historiador, Boris Kossoy:

As imagens visuais sempre propiciam diferentes leituras para os diferentes receptores que as apreciam ou que dela se utilizam enquanto objetos de estudo. [...] A imagem fotográfica, com toda a sua carga de ‘realismo’, não corresponde necessariamente à verdade histórica, apenas ao registro (expressivo) da aparência. (1999, p. 45)

A utilização da fotografia impressa nos jornais e periódicos utilizada como fonte documental para esta pesquisa carrega consigo possíveis leituras latentes que dependem muitas vezes - além do ato do fotógrafo - das legendas que as acompanham, do contexto onde está inserida; como também da sua forma de apresentação na diagramação do texto. Impregnada simbolicamente de inúmeras

¹ Para melhor entendimento sobre o referente na fotografia, consultar: BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.



representações sociais, a fotografia forma um conjunto de registros que se oferece para a interpretação imagética de uma cidade que nestes periódicos ocupava parte substancial e que recebia um espaço considerável na publicação. Após esta breve contextualização, iniciaremos nossa reflexão sobre algumas imagens fotográficas referentes à cidade contidas no *Almanaque de Pelotas*.

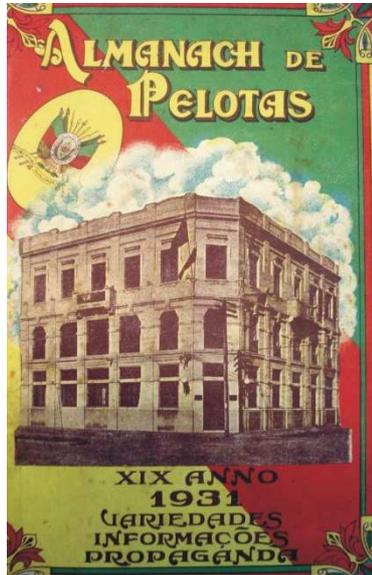


Figura 1- Capa do *Almanach de Pelotas*, 1931 – acervo Bibliotheca Pública de Pelotas.

Durante o período delimitado pela minha pesquisa, foram encontrados 8 exemplares do *Almanaque* na Bibliotheca Pública de Pelotas. O acervo possui exemplares repetidos, facilitando a comparação e análise das fontes já que o *Almanaque* muitas vezes não possui páginas numeradas - geralmente naquelas que possuem imagens, desenhos e fotografias.

Os almanaques constituem-se como uns dos principais meios de informação de sua época e apesar de apresentarem uma única publicação anual, eram utilizados durante todo o ano, pois nele se encontravam calendário, memorandum e propagandas. O *Almanaque de Pelotas* possuía uma



grande popularidade devido a sua variedade de assuntos nas reportagens - religiosos, políticos, sociais, costumes e curiosidades – e muitas ilustrações com fotografias impressas. É muito difícil encontrar imagens no corpo do texto e as que se encontram são explicitamente de qualidade inferior aquelas que possuem página exclusiva, com gramatura e origem do papel diferente ao resto do exemplar, supostamente devido à dificuldade para se executar uma fotografia junto com o material tipográfico. Sua realização aconteceu entre os anos de 1913 a 1935 e tinha como seu principal editor o Capitão Florentino Paradedda que assume a direção em 1917 e segundo as autoras Francisca F. Michelon e Raquel S. Schwonke (2008), o seu principal objetivo era registrar o progresso da cidade de Pelotas.

Sensibilizadas através do traço luminoso e impressas posteriormente nos periódicos, as imagens contidas no *Almanaque de Pelotas* sustentam-se como sobreviventes de um passado, capazes de registrar e reter a memória visual de uma cidade onde esta era um dos temas preferidos nas ilustrações. A cidade de Pelotas neste período se encontrava em meio a diversas mudanças econômicas e sociais. Havia o predomínio da economia subsidiária da agropecuária do charque, que proporcionou grande acúmulo de riqueza da região, que foi fundamentada suas bases no séc. XIX na mão-de-obra escrava.

A cidade de Pelotas era representada por uma reiterada enunciação do moderno pela qual se percebia um modo de viver inerente as suas possibilidades sociais, econômicas e culturais. Francisca Ferreira Michelon em sua pesquisa “*A Cidade de Papel*” (2001)² utilizou três fontes primárias, os *Relatórios Intendências* dos anos de 1914, 1925 e 1928, o *Álbum de Pelotas* de 1922 e os *Almanaques de Pelotas* de 1913 a 1930 e segundo a autora, durante o período pesquisado, a cidade das fotografias se mostrava “moderna por enunciado, progressista por ordem das palavras” e aqueles que possuíam o domínio dessas representações buscavam incorporar padrões que refletiam diretamente no modo de viver, agir e consumir. Deste modo, a representação proposta pelas imagens valorizava os aspectos de progresso conforme uma visualidade intencional promovida pelos suportes ao qual a imagem era vinculada.

² A autora pesquisou as fotografias impressas nos *Relatórios Intendências* dos anos de 1914, 1925 e 1928, o *Álbum de Pelotas* de 1922 e os *Almanaques de Pelotas* de 1913 a 1930.



A relação destas imagens com a memória pode também ser utilizada como princípio de poder gerador da rememoração, democratizando uma informação guardada no tempo e no espaço e que se revela ao espectador.

As fotografias impressas no Almanaque de Pelotas entre o período de 1931 a 1935.

Através da catalogação na coleta de dados referentes ao período de 1931 a 1935, estabeleceu-se uma série de 85 imagens fotográficas, na qual 35% dessas retratam a cidade de Pelotas. Partindo-se do pressuposto das possíveis leituras que estas imagens possam a vir a produzir, procurou-se analisar o contexto histórico, buscando organizar um corpo teórico, para na seqüência, aprofundar as questões referentes à natureza própria da imagem fotográfica. Para a análise dos dados levantados, compreendendo que o documento fotográfico é passível de ter sido criado porque provém de um recorte selecionado. Procurei inicialmente classificar as imagens de acordo com suas características elementares, como o quadro abaixo pode exemplificar:

Tabela 1 – Classificação Geral, nº fotografias com pessoas						
	Fonte: <i>Almanaque de Pelotas</i>					
	1931	1932	1933	1934	1935	total
Fotografias com pessoas	10	12	10	12	9	53
Fotografias retratos individuais	7	9	4	6	5	31
Fotografias retratos coletivos	3	3	6	6	4	22
Fotografias com negros	0?	3	2	1	0	6
Fotografias com mulheres	2	2	3	4	1	12
Fotografias com crianças	0	0	1	2	1	4

Tabela 2 – Classificação Geral, nº geral de fotografia - cidade						
	Fonte: <i>Almanaque de Pelotas</i>					
	1931	1932	1933	1934	1935	total
Fotografias cidade de Pelotas	4	11	7	4	4	30



Tabela 3 – Classificação Geral, nº geral de fotografia - publicidade						
	Fonte: <i>Almanaque de Pelotas</i>					
	1931	1932	1933	1934	1935	total
Propagandas - cidade	4	4	2	2	0	12
Propagandas – retratos individuais	5	5	3	4	1	18
Diversas	1	1	0	2	0	4

Estas tabelas permitiram uma organização temática, facilitando minha orientação através de uma metodologia quantitativa que possibilitará no decorrer de minha pesquisa uma leitura na qual a subjetividade inerente a qualquer leitura interpretativa possa ser balizada. Após a organização de meu material de pesquisa, pude separar as imagens referentes às representações da cidade e analisá-las dentro do contexto histórico da publicação ao qual a mensagem visual é vinculada.



Figura 2 Fotografia "A Industria de Pelotas", *Almanaque de Pelotas*, 1932 – acervo Bibliotheca Pública de Pelotas.

As imagens presentes no *Almanaque de Pelotas* se encontram basicamente em três diagramações distintas: presentes em propagandas, ilustrativas dentro da própria matéria e ilustrativas em folhas



anexas as reportagens, geralmente essas pertencentes aos assuntos de destaque³. Nelas podemos observar a ênfase em representar as construções arquitetônicas com enquadramento no formato paisagem e grande profundidade de campo com todas as distâncias definidas possibilitando uma ampla visão de toda a edificação. Na Fig. 2, além da edificação representada nota-se a presença de várias pessoas à frente do edifício, sugerindo como diz na própria legenda, “A Industria de Pelotas”, uma possível relevância para a quantidade no número de pessoas. Na Fig. 3, observa-se uma clara enunciação para o edifício, privilegiando sua “linda” construção e através da legenda fica explícito a mensagem que se quer divulgar: “Pelotas Moderna”. Já na figura 4, muda-se a perspectiva da tomada, a profundidade de campo continua a mesma, mas devido à angulação a edificação mostra-se grandiosa, até mesmo monumental.



Figura 3 - Fotografia "Pelotas Moderna", *Almanach de Pelotas*, 1931 – acervo Bibliotheca Pública de Pelotas.

³ As imagens ilustrativas deste texto pertencem a terceira classificação.





Figura 4 - Fotografia "A frente do pavilhão do "Jockey Club"", *Almanaque de Pelotas*, 1935 – acervo Bibliotheca Pública de Pelotas.

Observou-se de imediato a permanência de registros que indicam o moderno como um valor. A cidade nas fotografias continua a exercer seu lugar de destaque na publicação e não sugere um discurso silencioso, pois as legendas e as reportagens ao qual as imagens são vinculadas explicitam abertamente a proposta de progresso e modernidade.

As imagens ilustrativas deste trabalho (Fig. 1, 2, 3 e 4) mostram como a representação da idéia de modernidade povoava as edições do *Almanaque de Pelotas*. As fotografias apresentam-se centralizadas privilegiando a construção ou o estabelecimento, deixando em segundo plano os outros elementos da imagem, como por exemplo, as pessoas onde apenas a silhueta informa sua presença. Estas imagens de edifícios novos e belos potencializam a capacidade que a fotografia tem de informar e divulgar os aspectos desejados.

Difícilmente estas imagens serão registros fidedignos de uma realidade passada, contudo a ambição do ideário de cidade próspera indica ao lado das transformações urbanas a fotografia



como uma representação visual que guarda uma lembrança projetando para o futuro o desejo que se quer acreditar no presente.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte da era de sua reprodutibilidade técnica*. In: Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- JANSON, H. W.; JANSON, Anthony F. *Iniciação à História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 1999.
- POSSAMAI, Zita Rosane. *Fotografia e Cidade*. ArtCultura, Uberlândia, v.10, n. 16, 2008.
- MICHELON, Francisca Ferreira; SCHWONKE, Raquel Santos. *Retratos de uma Cidade & catálogo de fotografias impressas – 1913/130*. Pelotas: Ed. e Gráfica Universitária UFPEL, 2008.

